



EIXO TEMÁTICO:
Compartilhamento da Informação e do Conhecimento

A MEDIAÇÃO DO LIVRO DE IMAGEM NO PROJETO *PALAVRAS ANDANTES* EM LONDRINA

PICTURE BOOK MEDIATION IN PROJECT IN WORDS WALKERS LONDRINA

Ana Paula Pereira - appuel@yahoo.com.br

Sueli Bortolin - bortolin@uel.br

Resumo: Discute o livro de imagem como dispositivo para mediação da leitura podendo propiciar o interesse e o gosto pelos livros e pela literatura infantil. Tem como objetivos analisar a atividade de contação de história como gênero de mediação e de incentivo à leitura e analisar o modo como os mediadores/contadores do Projeto *Palavras Andantes* da Prefeitura do Município de Londrina utilizam o livro de imagem. Para a consecução dessa proposta, utilizou-se a entrevista gerativa de narrativa. Por meio de um estudo de caso, verificou-se que, embora os mediadores desenvolvam a atividade de narrativas de histórias com habilidade, utilizando diferentes estratégias, eles ainda têm dificuldades de trabalhar com obras sem palavras, como é o caso do livro de imagem. Diante do exposto, esta pesquisa demonstra que o livro de imagem se configura como possibilidade que os mediadores têm para provocar nas crianças prazer e experiência estética. Conclui que este gênero favorece a apropriação dos textos literários e contribui para a formação de leitores.

Palavras-chave: Mediação da leitura. Mediador/contador de história. Livro de imagem.

Abstract: Discusses the picture book as a device for reading mediation can provide interest and love for books and for children's literature. It aims to analyze the activity of storytelling as gender mediation and to encourage reading and the way mediators / counters Walkers Words Project Londrina City Hall using the picture book. To achieve this proposal used the generative interview narrative. Through a case study it was found that although the mediators develop the activity of narrative stories skillfully using different strategies, they still have difficulties in working with works without words as is the case of the picture book. Given the above, this research shows that the picture book is set up as a possibility that mediators have to bring in children pleasure and aesthetic experience. It concludes that this genre favors the appropriation of literary texts and contributes to the formation of readers.

Keywords: Reading mediation. Mediator/storyteller. Picture book.

1 INTRODUÇÃO

A literatura infantil é significativa para as crianças, uma vez que favorece sua formação, pois encontram com ela prazer no ato de ler. Dessa forma, é preciso

conhecer o conceito de mediação da leitura para entender em que medida esta ação, realizada pelo mediador ou contador de histórias, pode incentivar a leitura e formar leitores.

A mediação da leitura e da literatura está vinculada à maneira como o mediador realiza o encontro entre o leitor e a literatura, ao desenvolver esta atividade e transformar a prática cotidiana. Esta pesquisa se insere neste contexto e nosso objetivo geral foi verificar a maneira como os mediadores/contadores utilizam os livros de imagem durante a mediação de leitura para a criança.

A elaboração desta pesquisa se justificou pela possibilidade de identificar uma ação diversificada e importante de mediação. Para tanto, esse trabalho se divide nas seguintes seções: a mediação e o livro de imagem, procedimentos metodológicos, resultados e considerações finais.

2 A MEDIAÇÃO E O LIVRO DE IMAGEM

A mediação da leitura é a ação em que mediador provoca o leitor, ao “seduzir” e despertar o interesse pelo ato de ler, levando ao encontro da leitura de maneira prazerosa, inquietante e divertida. Para Cruz e Pase (2012, p.115) “cabe aos mediadores de leitura fazerem com que o texto a ser lido proporcione momentos de prazer, de reflexão, de análise interpretativa e compreensiva como também de criticidade.”

Entendemos como mediador de leitura todos que, profissional ou espontaneamente, dispõe-se a propiciar o encontro do leitor com diversos textos; entre eles nos interessa evidenciar o bibliotecário e o professor.

“O professor deve observar – nunca ignorar – as seleções dos alunos para iniciar o trabalho de mediação de leitura” (PAIVA, 2014, p.54). No mesmo sentido, Barros (2006, p.133) enfatiza que o professor das séries fundamentais é “[...] o sujeito responsável [...] pela formação de leitores iniciantes.” Dessa forma, ele é um dos principais mediadores de leitura. Isso porque “[...] é o professor quem filtra e melhor adapta as sugestões à demanda de seus alunos e aos projetos em andamento na escola.” (PAIVA, 2014, p.44). Portanto, o professor mediador de leitura é o responsável por atender as necessidades de leitura de seus alunos para tanto precisa compreender os diferentes textos literários, apreciá-los e os valorizar.

Assim, estes profissionais podem tornar esta relação natural e agradável, mas

para isso seria ideal se professores e bibliotecários “trabalhassem de forma articulada, coerente e que ambos estivessem atualizados sobre o que se produz e se lança no mercado de literatura infantil e infanto-juvenil de boa qualidade [...]” (BARROS, 2006, p.138).

Portanto, a imagem tem o potencial de aprimorar o olhar, de intensificar sensações e sentimentos do leitor. Enfatizarmos que na atualidade, a sociedade está “mergulhada” na linguagem visual, onde há uma indústria que produz imagens cuja finalidade é o consumo e a venda, de tal forma que “Somos levados a consumir por meio da imagem [...]. A partir disso, pode-se pensar a necessidade de educar o olhar do leitor para se posicionar criticamente não só diante do texto escrito, como também diante das imagens.” (FERNANDES; VIEIRA, 2010, p.123).

A educação do olhar permite ampliar nossa visão de mundo, na medida em que podemos nos tornar mais críticos diante das imagens, ao distinguir aquelas que se destinam ao consumo daquelas que estão vinculadas à estética, ao belo e à arte e, conseqüentemente, ao nosso amadurecimento intelectual e pessoal.

Para Alencar (2009, p.30), ao criar suas imagens, os ilustradores, “[...] colocam nelas muito de si [...]. Nisso eles dão alma às ilustrações e estas passam a ser elas mesmas cheias de sentido, de personalidade, de sentimentos e emoções, de valor e de interioridade.”

Assim sendo, a leitura de imagem está relacionada à imaginação do leitor na medida em que ele processa visualmente a história no pensamento, por isso o contato com livros de imagem é valioso e necessário. Com ele o leitor ao acumular experiências, aprimora o olhar, de tal forma que poderá ler, atribuindo sentido a outros signos presentes no seu cotidiano.

Entendemos que no livro de imagem é a imagem que carrega o significado e que determina a narrativa. Trata-se de uma leitura imagética, em que o leitor desenvolve a história sem a presença da palavra escrita, em um processo muito além da oralidade, de “interpretação da imagem ao entendê-la como linguagem.” (FONSECA, 2009, p.101).

Nesse sentido, o livro de imagem propicia a liberdade de tecer a narrativa com as palavras do leitor. “Como não há um texto definindo todas as passagens, cria-se mais possibilidades de leituras livres.” (LEE, 2012, p. 151).

No entender de Lima (2009, p. 75) “[...] No livro de imagens, são as imagens que suscitam a palavra, e o leitor é convidado a ser o autor do texto em parceria com

o ilustrador.” Assim a relação entre o olhar e o imaginário infantil “[...] constituem material rico para ser explorado pelo olhar e pela imaginação das crianças. As imprevisibilidades estão nas imagens [...] o próprio leitor [...] desvenda significados para os desenhos, escrevendo, com os olhos, o texto.” (RESENDE, 1993, p.125).

O livro de imagem é imprescindível para as crianças das séries iniciais, pois pode estimular a oralidade e o entendimento da linguagem visual. Além disso, Bernardino e Souza (2011, p.246) explicam que “Um trabalho com crianças apontando ou levando-as a descobrir esses elementos [...] que explicam espaço, tempo, aspectos dos personagens, etc.; conduzirá a leitura da imagem [...]”

Abramovich (2001, p.32) enfatiza que os autores de livros de imagem têm muito mais que talento gráfico, ou seja, tem a competência em: “Construir toda uma narrativa sequenciada, completa, sem precisar de palavras [...]”. Ela afirma também que o contato com o livro de imagem provoca sensações como o prazer de observar/apreciar cada traço, a poesia das cores, detalhes antes desconhecidos.

A ausência de palavras no livro de imagem pode impressionar e causar estranhamento. Desta forma, além do mediador explicar para a criança este atributo, precisa dizer a ela que, muitas vezes é necessária mais de uma leitura. Segundo Lee (2012, p.150) “Cabe ao leitor levar adiante as deixas que o livro-imagem tem a oferecer. Valer-se comodamente da ambiguidade, fazer perguntas [...]. Há coisas que furtivamente se revelam quando não estão sendo apontadas por palavras.”

Vale destacar que o livro de imagem poderia ser mais utilizado nas atividades de mediação, tendo em vista que “[...] possibilitam uma infinidade de usos [...] para todas as faixas etárias. Quando não houver muitos exemplares desses livros na biblioteca escolar, uma saída é trabalhar em duplas, trios ou quartetos.” (FERNANDES; VIEIRA, 2010, p.124).

O mediador também pode se deparar com barreiras e dificuldades inerentes a aspectos fundamentais, como a ausência de palavras, mas isto não significa ausência de valor e de significado para as crianças. Ao contrário, o livro de imagem tem o potencial de seduzir e promover o interesse pela leitura.

Lee (2012, p.150) afirma que: “Geralmente os leitores ficam desconfortáveis com um livro-imagem, porque literalmente não há nada ‘para ler’. [...] esse tipo de livro exige que os leitores sejam participantes ativos.” O mesmo acontece com os pais que resistem ao comprar livros sem texto. Percebemos que há uma concepção equivocada, mesmo não tendo nada escrito, há uma comunicação. Aos mediadores,

familiares ou profissionais cabe a alteração de preconceitos como este.

3 PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

O presente estudo buscou analisar a mediação do livro de imagem como ação de incentivo à leitura para crianças. Foi desenvolvido a partir de uma pesquisa qualitativa, visto que procurou abordar a mediação, destacando seu significado e suas relações com a leitura. A metodologia utilizada foi o estudo de caso. Conforme Ventura (2007, p. 384) o estudo de caso “Visa à investigação de um caso específico, bem delimitado, contextualizado em tempo e lugar para que se possa realizar uma busca circunstanciada de informações.”

Dessa forma, para executarmos a proposta desta pesquisa e garantir a compreensão de nosso estudo, optamos por utilizar como coleta de dados a questão gerativa de narrativa, considerando os objetivos que visavam a analisar a mediação como ação de incentivo à leitura para criança, bem como caracterizar a ação de mediação estabelecendo associações entre estas, a leitura e a literatura.

O público alvo foi composto por professoras mediadoras de leitura integrantes do Projeto *Palavras Andantes* do município de Londrina¹. A questão gerativa de narrativa foi entregue em um dia de reunião de capacitação, em que estavam presentes 50 professoras. Como o convite foi feito de forma democrática, sem coação, nem todas se dispuseram a participar, totalizando apenas 16 pessoas.

A questão gerativa de narrativa apresentada às professoras teve o seguinte teor: *Segundo Camargo (1995, p. 70) Livros de imagem são livros sem texto. As imagens é que contam a história. Os livros com pouco texto, em que o papel principal cabe a ilustração, também podem ser chamados de livros de imagem.”* *Você já fez narrativa de história com este gênero de livro? Quero que você conte como desenvolveu essa atividade e se teve alguma dificuldade.*

4 RESULTADOS

Participaram dessa pesquisa 17 professoras que são mediadoras de leitura na Rede Municipal de Educação de Londrina e que apresentaram suas experiências. Objetivando manter o sigilo, elas foram aqui representadas pelas letras A, B, C, D, E,

¹ Projeto Palavras Andantes.

F, G, H, I, J, K, L, M, N, O, P e Q. Vale informar que nessa seção será preservada a escrita das respondentes.

Após ler a questão gerativa de narrativa, a **mediadora A** afirmou que trabalhou com diversos livros de imagem e que é uma experiência boa. *Sempre inicio pedindo que eles observem cada página em silêncio, em seguida recomeço e deixo que eles vão contando, explorando cada detalhe, uns falam mais, outros menos, e todos participam, é um momento que prende bem a atenção e desperta curiosidade, levantam hipóteses e medeió para que cheguem a alguma conclusão ou não, para que cada um tenha para si a sua conclusão. É muito gostoso ouvir as visões das crianças, na maioria das vezes e dependendo do que cada criança tem. Vivenciando ela deixa transparecer o seu conhecimento prévio nesse momento de oralidade.* Analisando esse discurso pudemos observar que a mediadora ao trabalhar com “diversos livros de imagem”, já se sente segura para realizar a mediação que se evidencia no resultado da experiência “muito boa”. A ação de observar inicialmente cada página permite à criança criar narrativas e estabelecer ligações entre as imagens e isso facilita o momento da contação que ocorre posteriormente. Em geral, a turma se envolve com a atividade, sendo [...] importante investigar se as crianças que falam pouco têm alguma dificuldade em relação ao livro de imagem. Notamos que o livro cumpre seu objetivo de “despertar a curiosidade”; além disso, as crianças “propõem hipóteses”, o que auxilia a compreensão e apropriação do texto, além de estimular a criatividade. Também destacamos o fato de que a mediadora deixa a critério da criança a conclusão, o final do texto, pois este é um dos atributos mais significativos de tais livros, a surpresa e a liberdade de criar o desfecho: “para que cada um tenha para si a sua conclusão.” A **mediadora A** ressaltou que “é muito gostoso ouvir as visões das crianças”, pois cada uma delas tem a sua visão de mundo e é na oralidade que ficam evidentes seu conhecimento, suas experiências e sua leitura de mundo.

A **mediadora B**, mesmo afirmando gostar muito de livros de imagem, enfatiza quem tem um pouco de dificuldade de trabalhar com eles, especialmente com grupos numerosos: *porque é necessário ampliar as imagens e às vezes essa ampliação perde um pouco dos detalhes das imagens. Certa vez trabalhei com o livro “O castelo dos gatos” que trazia uma narrativa muito clara utilizando quadros de imagens. Usei apenas o livro, fui contando a história e mostrando as imagens (mostrando as imagens e contando a história) depois fizemos a representação da*

história com brincadeira e teatro. Também gosto muito de pedir para um dos alunos contar histórias de livros de imagem (eles se recusam um pouco e dizem que não tem história, “tem que inventar”). Já trabalhei também em grupos com um aluno contando uma página e os demais continuando. Desde criança gosto de livros de imagens, porém os mesmos são pouco trabalhados e muitas vezes pouco valorizados. Vale destacar que a mediadora B mencionou que tem dificuldade em trabalhar com livros de imagens, especialmente quando é preciso ampliá-las. De fato, muitos livros de imagem possuem um grau de complexidade elevado até mesmo para os adultos, que consideram de difícil interpretação ou, às vezes, a narrativa nem sempre é óbvia. A mediadora evidenciou que trabalhou com “uma narrativa muito clara”. Essa escolha pode se justificar pela sua dificuldade, no entanto, sua mediação foi além da mera interpretação e análise, resultando em uma apropriação da história “com brincadeiras” e dramatização. Neste caso, ela além de contextualizar a obra, apresentou às crianças outras possibilidades para uma mesma narrativa, fazendo relações com outras atividades. Uma alternativa quando se trabalha com turmas numerosas é dividir os alunos em pequenos grupos, sendo que cada um ficaria responsável por apresentar um livro de imagem. Salientou que os alunos se recusam a narrar histórias do livro de imagem, argumentando que “não tem história, tem que inventar.” Em tais casos, é necessário que o mediador explique para seus alunos que a ausência de palavras não significa ausência de texto, estimulando sua recriação a partir das imagens presentes; além da mera visualização, esclarecer que a leitura de imagens requer observação e apreciação dos detalhes antes ignorados. Ela afirmou que desde criança teve contado com livros de imagens, e que eles são pouco trabalhados e [...] pouco valorizados. De fato, este gênero é desvalorizado, principalmente porque vivemos em uma “sociedade letrada” que despreza outras formas de leitura e desconhece seus atributos e efeitos. Por sua amplitude e significado, o livro de imagem deve ser utilizado na formação de mediadores, na sala de aula, na biblioteca, em casa, entre outros ambientes.

Ao analisar a contribuição da **mediadora C** podemos destacar o seguinte comentário: *Na verdade eu tenho dificuldade em interpretar alguns livros de imagens. Me sinto “perdida”, ou “insegura” quanto à interpretação “correta”, ou o que o autor queria dizer. Já fiz contação de histórias com livros sem texto, mas utilizando livros que faziam sentido para mim, que eu compreendi. Entre os títulos, me lembro*

de [...] um chamado “Peralta”, sobre um cachorro muito arteiro. Neste [...] me chamou a atenção o fato de as crianças anteciparem o que o cachorro iria fazer pelo “olhar” dele. Quanto à contação da história, não foi diferente das com livros com textos. Apenas exigiu uma preparação maior da minha parte. Durante a contação também fui convidando as crianças a participar, contando o que elas estavam vendo ou mesmo tentando antecipar os próximos acontecimentos. Assim como a mediadora B, a **mediadora C** tem dificuldade de interpretar o livro de imagem enfatizou que se sente perdida e insegura, e demonstra estar preocupada em relação à compreensão “correta” da mensagem deixada pelo autor. Na realidade, em se tratando de livros de imagem o mais importante é a liberdade de criação e de imaginação; assim, não existe certo e errado, desde que a narrativa criada tenha sentido, independentemente da mensagem do autor; o mediador e o leitor podem acrescentar elementos que o próprio autor desconhece. Embora, implicitamente, o livro de imagem contenha a ideia de seu criador, entendemos que, devido à possibilidade de criação, a apreensão de seu sentido e a facilidade com os mesmos são adquiridos com a leitura, com o maior contato possível com as narrativas e com os autores. Em muitos casos é preciso reler o texto várias vezes, observando os detalhes desprezados em uma primeira leitura. Por isso, o mediador precisa ter em mente que quanto mais ele lê livro de imagem, mais se apropria de suas possibilidades, que, aliás, são infinitas. Nesse sentido, cabe aos mediadores buscar não apenas textos que fazem sentido para si, mas buscar aqueles que deixam os leitores inquietos, que permitam ir construindo com os alunos os sentidos possíveis e impossíveis. Em muitos casos, o resultado pode ser surpreendente, como relatou a **mediadora C** da seguinte forma: *me chamou a atenção o fato de as crianças anteciparem o que o cachorro iria fazer pelo “olhar” dele.* Para isso, o mediador precisa preparar a atividade e estimular a participação das crianças.

No que se refere à atividade de mediação, a **mediadora D** explicou que: *Primeiro eu escolhi um livro sem texto que eu gostei e achei fácil de entender. Trouxe os alunos mais próximos de mim e do livro e fui questionando as imagens com eles e juntos fomos interpretando o livro. No segundo momento cada aluno ia escolher um livro sem texto e olhar com muita calma e tentar interpretar, aí eles quiseram desenhar sobre o livro. No final quem queria [...] ia contar para os amigos a história do seu livro escolhido. Eu gostei muito de trabalhar assim e até houve mais interesse para emprestar livros sem texto, o que antes alguns até se recusavam a*

emprestar alegando que “não tinha nada escrito”. Pudemos observar que a escolha da **mediadora D** se deve à sua facilidade de compreensão. Por isso, ao selecionar um livro de imagem, é necessário avaliar suas possibilidades, considerando que os alunos podem interpretar livros mais complexos. A não-compreensão pelo mediador não significa a não-compreensão pela criança. Ao contrário, ela pode apresentar interpretações inesperadas e complexas. Notamos que a ação da mediadora em se aproximar das crianças e do livro favorece a relação da mediação, bem como o questionamento perante as imagens. Estimular a interpretação “com muita calma” permite às crianças apreciarem os detalhes e despertar o desejo de desenhar. Fato significativo foi a ampliação do interesse pelo empréstimo de livros de imagem pelas crianças, sendo que, inicialmente, algumas rejeitavam essas obras pela ausência de palavras afirmando que “não tinha nada escrito.” Portanto, com a mediação da leitura os alunos descobriram que há, sim, um discurso presente.

Nas palavras da **mediadora E**: *A dificuldade que senti foi de pensar em não ser fiel ao pensamento do autor, mas depois eu percebi que é justamente essa liberdade de imaginar é que pode atrair os pequenos leitores, tanto na fase inicial de alfabetização quanto daqueles que já se apropriaram da leitura. Outro aspecto interessante deste tipo de livro é a possibilidade de trabalhar a percepção visual, os detalhes da ilustração trazendo muitas informações.* Ao contrário das mediadoras anteriores, a dificuldade inicial da **mediadora E** está na fidedignidade na transmissão do pensamento do autor, porém não deve ser esta a principal preocupação. Ela destacou o potencial desse gênero de livro em abordar os aspectos visuais, as particularidades da imagem como fonte de informação. Porém, na percepção dela, a característica inerente do livro de imagem é ir além da ideia do autor. Concluí que a imaginação e a criação são os fatores que podem cativar e encantar os leitores alfabetizados ou em fase de alfabetização.

Ao se referir às atividades de mediação com livro de imagem, a **mediadora F** salientou que: *Em uma das vezes que trabalhei com livros sem texto, eu propus ao grupo que cada um iria criar uma parte da história. [...] uma história maluca com ideias de todos. O livro passava no círculo e quem estava na vez olhava a imagem e continuava a história de onde o colega anterior parou. Todos do círculo tinham que ter atenção para dar continuidade e perceber se o que o colega estava contando era coerente com a sequência das imagens do livro. Em cada grupo surgiu histórias bem diferentes com detalhes muito interessantes. Os alunos menores [...] inventavam*

sem se preocupar com a sequência e, quanto maior a criança, as ideias diminuem, mas aumenta a preocupação com a sequência e o medo de errar, ou mesmo com a censura dos colegas. Aqui, pudemos notar que todos participaram e construíram a história. Isso dá à criança a noção de pertencimento, de atenção, continuidade e coerência. A **mediadora F** afirmou que as crianças se atentaram para os detalhes ao criarem a narrativa, sendo que as menores não se preocuparam com a sequência, ao passo que nas maiores a criatividade diminuiu, isto é, tendem a racionalizar e não sentir o texto. Além disso, temem errar ou serem censuradas pelos colegas. Nestes casos, o mediador precisa saber lidar com este comportamento, encorajando-os a não temer a crítica ou “correção” da classe.

A **mediadora G** declarou: *Confesso que encontrei dificuldades sim, uma vez que somos resultado de uma escola tradicional, prevalecendo a memorização e não estimulando a criação; certamente teremos mais dificuldades com esses tipos de textos.* De fato, como produtos de escolas tradicionalistas, não somos preparados para lidar com obras que exigem uma leitura diferente daquela que conhecemos e à qual estamos habituados. Dessa maneira, um acervo de livro de imagem nas bibliotecas escolares é necessário, bem como da apropriação do conteúdo dos mesmos pelos mediadores de leitura e pelas crianças.

Quanto à **mediadora H** é necessário destacar o que ela explicou: *[...] os alunos iam participando oralmente onde faço uma produção de texto com o relatório oral dos alunos sobre a história. Esse trabalho estimula a narrativa, a sequência lógica da história e estruturação verbal da criança. Uma segunda atividade foi dividir em grupos com livros variados [...] ali em apenas um cartaz fariam uma sequência oral contando para os amigos de outros grupos.* A iniciativa da **mediadora H** de registrar a narrativa “construída” pelos alunos favorece a compreensão do encadeamento da narrativa, desenvolve a oralidade e a imaginação das crianças tornando-as [...] contadoras da história e estimulando a participação da turma.

Ao se referir às suas atividades, a **mediadora I** comentou que: *[...] dividi a turma em grupos e cada grupo recebeu um livro, que tiveram que discutir a história, escrevê-la e apresentá-la [...] à sala. Todos os alunos tiveram muita curiosidade sobre os livros e a procura pelo empréstimo foi bem grande. O livro de imagem proporciona maior concentração e imaginação, pois cabe ao leitor criar a história do seu jeito, de acordo com as imagens e cenas que ele vê.* Dessa forma, pudemos perceber que a discussão em grupo favorece a construção coletiva da história, que

se evidenciou na “curiosidade” e na ampliação na “procura pelo empréstimo”. Fica evidente que a atividade despertou o interesse das crianças, de tal forma que aumentou a busca pelo livro de imagem, incentivando assim, a leitura e a literatura. A **mediadora I** salientou que o livro de imagem estimula a concentração e a imaginação porque permite que o leitor crie a história à sua maneira conforme as imagens que observa.

A **mediadora J** afirmou já ter trabalhado com vários livros de imagem e destacou que: *[...] em todas as leituras, fiz uma explanação sobre o que eles iriam escutar. Expliquei e ao mesmo tempo ia perguntando sobre o que eles já sabiam sobre o que é uma história sem palavras é ou não é possível fazer história sem o uso das letras. Ao decorrer da história convidava os alunos a além de usar a imaginação eles ajudavam a contar a história. Também eu escondi propositalmente o nome da história para que eles ao olhar a ilustração possam dar o título para aquela história. Até hoje não tive dificuldade a realizar tal leitura.* Questionar os alunos sobre a presença ou não de palavras permite que a criança compreenda o livro de imagem como narrativa ausente de palavras, mas não de texto. Convidar as crianças a participar contando a história, pode aproximá-las do texto e do mediador. Ocultar o título certamente dá mais liberdade de criação, elas se tornam “donas” da história sem direcioná-la a um caminho apenas. Esta é uma importante estratégia utilizada pela **mediadora J** e evidencia sua facilidade com as narrativas de imagem.

A **mediadora K**, por sua vez, expõe que: *[...] comecei apresentando o título do livro e explicando que só teria imagens. Apresentava cada imagem e pedia que os alunos observassem tudo e falassem o que viam. Assim fazíamos uma análise da história.* Neste caso, ela já inicia a atividade pelo título para auxiliar a compreensão textual e esclarece o que é um livro de imagem. Ao apresentar as imagens, estimulava a observação e a oralidade procurando se manter fiel à narrativa e na análise da obra. Pudemos notar que o estímulo à criatividade fica prejudicado quando a mediadora procura se manter fiel à história.

A **mediadora L** inicia seu discurso citando uma obra utilizada em uma de suas atividades “A Bruxa e o espantalho”. Ela comentou que: *[...] foi mostrada às crianças página por página, instigando as crianças a imaginar a história e dizer o que estava acontecendo. [...] mediava a ilustração chamando a atenção a cada detalhe das cenas. Foi muito bom eles gostaram e exploraram de maneira surpreendente. Não tive dificuldade, pois costumo ler, ou seja, analisar o livro várias*

vezes antes de apresentá-lo às crianças. Assim como as demais mediadoras, observamos que a **mediadora L** instiga a imaginação das crianças sobre os acontecimentos da história e estimula a oralidade, além de evidenciar os detalhes da cena, que são cheios de significados, ao realizar uma exploração que a surpreendeu. Um fato significativo é que a **mediadora L** relê a narrativa e neste momento pode descobrir outras possibilidades de leitura para as crianças. Esse ato também demonstra o comprometimento profissional da mediadora.

A **mediadora M** revelou que realizou a contação de muitos livros de imagem e [...] *todas elas foram muito ricas e bem aproveitadas pelos alunos*. Mencionou como exemplos os livros: “Os pássaros” e “Telefone sem fio”. Ela relata que em: “Os pássaros – *pedi para prestarem atenção aos detalhes das imagens. Faço gestos cara e bocas, pergunto: O que será que vai acontecer agora? Comento: Vocês não vão acreditar no que tem na próxima página! Porém, sem colocar interpretação pessoal, apenas aguçando a curiosidade e imaginação.* [...] *Telefone sem fio: repassei várias vezes a mesma história acelerando e eles deveriam falar os personagens, em seguida, sem mostrar a imagem, os alunos tinham que falar os personagens de memória. Por fim, fizemos a brincadeira do telefone sem fio. A experiência adquirida com a mediação de livros de imagem permitiu à **mediadora M** realizar atividades significativas, resultando no bom aproveitamento pelos alunos. É perceptível que a atividade com o livro de imagem não é sinônimo de frieza e indiferença pelo mediador, ao contrário, ela nos mostra que é possível interagir com os alunos e com os livros a partir das expressões faciais e dos questionamentos que visam prender a atenção do leitor, mas sem serem tendenciosos. Além disso, a associação da narrativa com a brincadeira do telefone sem fio torna a atividade ainda mais envolvente e prazerosa.*

Para a **mediadora N**, em suas atividades de mediação: [...] *os alunos até ajudam a contar a história, outros até acham estranho o livro “sem palavras”. Então em cada turma a história sai de um jeito (a mesma história, mas com formas diferentes de contar, pois há intervenção dos alunos). É muito legal, pois eles prestam bem mais atenção nos livros, pois tem que prestar atenção nas imagens para contar a história. É natural o estranhamento dos alunos diante dos livros de imagem, sendo que o mediador precisa deixar evidente que a ausência de palavras não representa ausência de texto. A liberdade de criação e de interferência por parte dos alunos permite o surgimento de diferentes visões a partir de um mesmo texto,*

como ela enfatiza: “em cada turma a história sai de um jeito”. Dessa forma, notamos que, conforme as experiências e a criatividade de cada turma, surgem diferentes versões de uma mesma narrativa, portanto, um livro de imagem tem várias possibilidades.

Segundo a **mediadora O**: *Muitos alunos do primeiro ano chegavam dizendo que não sabiam ler, então resolvi ler para eles livros sem textos. Percebi ao ler que eles também queriam inventar [...] outra história com a mesma imagem ou acrescentar. Hoje, alunos que ainda não decodificam letras, chegam e me falam: Professora posso te contar uma historinha? e eu estou sempre ouvindo histórias que eles me contam (durante a hora da leitura). Eles se sentem muito importantes e incentivados a “ler o mundo”.* Pudemos observar que neste caso, o livro de imagem além de incentivar a leitura imagética e o desenvolvimento de novas narrativas, significa o fortalecimento da relação da mediação da leitura, principalmente quando há a mudança de papéis: a professora tornou-se ouvinte e as crianças, contadoras de história.

A **mediadora P**, de forma bem extensa e contextualizada com os dias atuais contribuiu para essa pesquisa com a seguinte afirmativa: *Embora vivamos num mundo repleto de imagens e termos que realizar a leitura destas no cotidiano, quando as pessoas, em geral, veem um livro de imagens com pouco, ou nenhum texto, fazem a seguinte questão: ler o que aí? Os livros de imagens são excelentes para apresentar aos alunos outras linguagens que a literatura pode oferecer e também requisitar do leitor iniciante um pouco mais de atenção e certa habilidade do contador da história, uma vez que este não poderá, no momento inicial, fazer uso da palavra. Portanto, ao contrário do que muitos creem, um livro de imagem requer um trabalho mais pontual. Trabalhei com um livro de imagem com uma turma de 2º ano do Fundamental 1 e, como era uma turma grande, fiz com que sentassem num semicírculo; o livro era o “Ida e Volta” de Juarez Machado, fui apresentando para os alunos página à página do livro, sem comentar nada. A dificuldade maior foi em conter a ansiedade das crianças para descobrir o que significava, mas percebi que eles conseguiram entender bem o enredo da história, apesar do alvoroço. Num segundo momento, fui apresentando a história novamente e questionando o que eles perceberam, fiquei bem satisfeita por observar que eles interpretaram rapidamente as imagens e compreenderam a história, sem que eu precisasse interpretá-la. Dessa experiência retirei a seguinte lição: para trabalhar com livro de*

imagem o público tem que ser pequeno para que todos possam observar as imagens. Sentar em círculo ou semicírculo não é viável porque todos querem ver tudo ao mesmo tempo e isso gera uma certa ansiedade combinada com empurrões entre as crianças. Quando o público é pequeno a professora pode deixá-los bem perto sentar num plano mais alto e apresentar o livro. [...] quando o público é maior o que dá um resultado positivo seria usar um projetor para que não se perca nenhuma parte do enredo, uma vez que as imagens irão conduzir a trama da história.

A **mediadora P**, com essa análise ressaltou que apesar de presença constante da imagem no dia a dia, as pessoas ainda apresentam dificuldade de compreender a estrutura do livro de imagem como se nele não houvesse nada para ler. Destacou que são dispositivos significativos, que requerem um leitor mais atento e um mediador/contador com mais habilidades, pois inicialmente não poderá oralizar a narrativa. Comentou que as crianças ficaram ansiosas para entender os sentidos sendo que compreenderam a narrativa, mesmo com tumulto. Completou dizendo que ficou satisfeita porque as crianças interpretaram o livro de imagem de forma rápida, sem necessidade de interferência. Dessa experiência destacou que a mediação deve ser realizada de forma que todos observem as imagens.

A **mediadora Q** explicou que a primeira vez que teve contato com um livro de imagem foi quando conheceu *Ida e Volta* de Juarez Machado: *Naquela época trabalhava com crianças de 6 anos de idade. Idade muito fácil de usar este material já que a liberdade de pensar é muito maior. As possibilidades dada [...] pelas imagens, sem texto conduzindo, dizendo, permite expressões de pensamentos ora inocentes, ora pura filosofia. O encantamento dos adultos somados à magia das crianças nos levou a construir um livro gigante, com madeiras de 2 m de altura, dispostas em zig-zag, recontando essa história no calçadão de Londrina. De lá para cá este tipo de material veio crescendo, porém muito mais acelerado nos últimos anos. O encantamento independe do tempo, da idade, da modernidade, da geração x, y, z. O que nos prende é a boa história, sempre.* A experiência da **mediadora Q** demonstra a infinidade de atividades que podem ser realizadas com o livro de imagem, o empenho e a criatividade da mediadora na construção de um livro de imagem com dimensões ampliadas não somente para a apropriação pelas crianças, mas também para adultos. Também pudemos notar que, ao exporem o livro em um espaço público, possibilitam que mais pessoas tenham acesso à obra, à inocência à reflexão filosófica elencada pela mediadora. Concordamos que uma narrativa de

qualidade, isto é, um bom texto é atemporal e pode envolver e encantar todas as gerações.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

O acesso à literatura infantil é um dos fatores que favorece a formação crítica e consciente das crianças. Nesse sentido, a mediação da leitura e da literatura pode contribuir com estes leitores em desenvolvimento.

Assim, possibilitar o contato com livros que provocam o olhar e o encantamento desde o início de sua inserção no universo da leitura é fundamental, a exemplo dos livros de imagem, que despertam o gosto e o prazer pela leitura, além da possibilidade de criar uma história com as palavras do próprio leitor, onde ele mesmo é o autor da história.

O processo de mediação deve ser adequado à faixa etária da criança, isto é, que possa envolvê-la de tal forma que ela tenha interesse e se encante pela literatura infantil de forma prazerosa. Para isso, é necessário que o mediador/contador provoque o leitor, com narrativas que favoreçam a liberdade e a participação da criança, dentre os quais, os livros de imagem.

Há mediadores/contadores com domínio da ação de mediação de leitura em espaços como a sala de aula e a biblioteca, outros têm dificuldades em realizar o “encontro” com a literatura. Por isso, eles precisam conhecer as necessidades de leitura das crianças e desenvolver habilidades para atendê-las. Nessa perspectiva, também é necessário promover projetos de incentivo à leitura e obras diferentes das habituais, como o livro de imagem que estimula o imaginário infantil. Portanto, a mediação da leitura se concretiza quando provoca o interesse e o prazer pela leitura, ao utilizar materiais repletos de possibilidades e cujo resultado é a formação de leitores.

REFERÊNCIAS

ABRAMOVICH, F. **Literatura infantil: gostosuras e bobices**. 5. ed. São Paulo: Scipione, 2001.

ALENCAR, J. de. As ilustrações na literatura infantil: da alma das imagens à alma dos leitores. In: GÓES, L. P.; ALENCAR, J. de (Orgs.). **Alma da imagem: a**

ilustração nos livros para crianças e jovens na palavra de seus criadores. São Paulo: Paulus, 2009, p. 26-34.

BARROS, M. H. T. C de. O professor como mediador de leitura. In: BARROS, M.H.T.C. de; BORTOLIN, S.; SILVA, R. J. da. **Leitura: mediação e mediador**. São Paulo: Ed. FA, 2006, p. 139-145.

BERNARDINO, A. D.; SOUZA, L. O. de. A contação de histórias como estratégia pedagógica na educação infantil e ensino fundamental. **Educere et Educare**, Cascavel, v. 6, n. 12 jul./dez. 2011, p. 235-249.

CAMARGO, L. **Ilustração do livro infantil**. Belo Horizonte: Editora Lê, 1995.

CRUZ, M. C. A. V. da; PASE, B. M. A importância da intertextualidade e dos gêneros literários para a mediação da leitura. In: NEVES, I. C. B.; MORO, E. L. da S.; ESTABEL, L. B. (Orgs.). **Mediadores de leitura na bibliodiversidade**. Porto Alegre: Evangraf/SEAD/UFRGS, 2012, p.115-138. Disponível em: <http://www.ufrgs.br/sead/servicos-ead/publicacoes-1/pdf/MEDIADORES_Leitura_na_Bibliodiversidade.pdf>. Acesso em: 29 mar. 2016.

FERNANDES, C.R. D.; VIEIRA, A. S. O acervo das bibliotecas escolares e suas possibilidades. In: PAIVA, A.; MACIEL, F.; COSSON, R. (Coords.) **Literatura: ensino fundamental**. Brasília: Ministério da Educação, Secretaria de Educação Básica, 2010, p. 107-126. Disponível em: <http://www.uems.br/site/nehms/arquivos/53_2015-03-13_08-34-22.pdf#page=41>. Acesso em: 26 nov. 2015.

FONSECA, L. M. da. Leitura de imagens e formação de leitores. In: GÓES, L. P.; ALENCAR, J.de (Orgs.). **Alma da imagem: a ilustração nos livros para crianças e jovens na palavra de seus criadores**. São Paulo: Paulus, 2009, p. 95-106.

LEE, S. **A trilogia da margem: o livro de imagem segundo Suzy Lee**. São Paulo: Cosac Naify, 2012.

LIMA, G. O universo fascinante dos signos visuais. In: GÓES, L.P.; ALENCAR, J. de (Orgs.). **Alma da imagem: a ilustração nos livros para crianças e jovens na palavra de seus criadores**. São Paulo: Paulus, 2009. p.71-76.

PAIVA, A. P. Livros de imagem: como aproveitar a atratividade e desenvolver o potencial destas obras na sala de aula com atividades literárias. In: **LITERATURA fora da caixa**. Brasília: Ministério da Educação, Secretaria de Educação Básica, 2014, v. 3, p.43-58.

RESENDE, V. M. **Literatura infantil e juvenil: vivências de leitura e expressão criadora**. São Paulo: Saraiva, 1993.

VENTURA, M. M. O estudo de caso como modalidade de pesquisa. **Revista da Sociedade de Cardiologia do Estado do Rio de Janeiro**. Rio de Janeiro, v. 20, n. 5, p. 383-386, set./out. 2007. Disponível em: <http://unisc.br/portal/upload/com_arquivo/o_estudo_de_caso_como_modalidade_de_pesquisa.pdf>. Acesso em: 27 mar. 2016.